

Primeira Linha

Quais os rumos do governo Lula?

As contradições e indefinições marcam profundamente o governo Lula. Nos palanques, Lula e o PT tinham posições claras sobre política externa, tratamento da dívida, visão ecológica e ética política. Já pouco antes das eleições, preocupado com a reação do mercado financeiro internacional, Lula lançou o Manifesto ao Povo Brasileiro, no qual mostrava mais preocupação em não desagradar à comunidade financeira internacional do que atender a reivindicações populares – e cumprir os objetivos históricos do partido. Dados recentes mostram que a pobreza subiu no primeiro ano de governo – 2003 – já atingindo 27,2% da população, ou 47 milhões de pessoas. Isso poderia ser atenuado com limitação das rígidas metas monetárias traçadas pelo ministro Antonio Palocci.

A escolha de Henrique Meirelles para o Banco Central até hoje permanece algo obscura. Optou-se por um ex-presidente do BankBoston, que havia investido uma boa soma para se eleger deputado federal pelo partido contrário, o PSDB. E Meirelles, não se sabe como nem porquê, renunciou a tudo isso para permanecer em um cargo instável, do qual pode ser afastado a qualquer momento – sem poder reassumir a cadeira na Câmara Federal.

Parte das indefinições do governo decorre de suas novas alianças, com José Sarney, o PTB de Roberto Jefferson e até com Delfim Neto, Antonio Carlos Magalhães e, indiretamente, com Paulo Maluf e Orestes Quêrcia. Em outros casos, as contradições surgem da personalidade do presidente, que não quer desagradar a ninguém. Lula acha que pode seduzir o pessoal do Movimento dos Sem Terra e os ruralistas, desde que tenha a oportu-

nidade de falar a cada um deles, com seu modo passional, abraçando mulheres e crianças e contando histórias de sua infância pobre.

Em alguns casos, a indefinição está tendo um custo alto para o Brasil: transgênicos e atração de investimentos. Em vez de admitir a realidade, de que os transgênicos se impuseram no mercado, Lula opta por renovações envergonhadas do direito de comercialização da safra, que impedem o desenvolvimento das pesquisas da Embrapa no setor. E fica sem jeito ante a ministra Marina Silva, mulher de posições mais emocionais do que racionais. Em relação a investimentos externos, Lula foi a Nova York cativar investidores, mas permitiu que o Ministério das Comunicações recorresse à justiça para barrar um aumento que, embora excessivo, constava de contrato assinado pela União. O atual projeto sobre as agências reguladoras é um retrocesso, pois passa funções das agências – teoricamente neutras – para ministérios, que são simples apêndices da burocracia federal.

O governo também fala em um Banco Central independente – tese que jamais constou dos objetivos do PT e só parece atender aos conglomerados bancários. Quando fala com o mercado, Lula promete o BC autônomo e, ao ser pressionado pelas bases, deixa o assunto de lado. É sabido que os presidentes brasileiros sofrem para agradar ao Congresso, às ONGs, a pressões internacionais, a interesses regionais, à imprensa, ao ministério público, sindicatos e entidades patronais. Mas também todos concordam que, se o presidente mostrar suas posições com clareza, terá condições de implantar muitas de suas teses. Já a indefinição não leva o comandante a porto seguro e denota insegurança.